

NINA HOSS BSfU 19.10.11
#229
RONALD ZEHRFELD
JASNA FRITZI BAUER
MARK WASCHKE
RAINER BOCK



 **62^e Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Competition**

BARBARA

A FILM BY CHRISTIAN PETZOLD

THE MATCH FACTORY presents a SCHRAMM FILM KÖRNER & WILBER production in coproduction with ZDF and ARTE 'BARBARA' with NINA HOSS RONALD ZEHRFELD JASNA FRITZI BAUER MARK WASCHKE RAINER BOCK CHRISTINA HECKE ROSS EKSKAT SUSANNE BURMANN
PETER BENEHICT THOMAS NEUMANN KRISTEN BLICK ET AL. DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY HANS FRIEDMANN BVM EDITOR BETTINA DÜHLER PRODUCTION DESIGNER K. D. GRÜNER COSTUME DESIGNER ANETTE GÜTHER MAKEUP BARBARA KREUZER ALEXANDRA LEBEDYNSKI SOUND ANDREAS MÜCKE-WISYRA
SOUND MIX MARTIN STEYER MUSIC STEFAN WILK CASTING SIMONE DÄRZ  HARUN FAROCKI  RIES JUNO  DORISSA DUBNINGER COMMISSIONING EDITORS CADOLINE VON SENDEN ANNE EYEN ANDREAS SCHRETTMÜLLER PRODUCER FLORIAN KÖRNER VON GUSTORF MICHAEL WEBER
WRITTEN & DIRECTED BY CHRISTIAN PETZOLD FUNDED BY MEDIENBOARD BERLIN-BRANDENBURG BfM FFA DIFF-WORLD SALES THE MATCH FACTORY

SCHRAMM FILM
Körner & Wilber

ZDF

arte

medienboard

Berlinale

FESTIVAL

DIFF-WORLD

THE MATCH FACTORY

CO-PRODUCED BY

BERLINALE

9413



SINOPSE

1980. Alemanha Oriental. Barbara é uma pediatra transferida de Berlim para o hospital de uma cidade remota e isolada como represália por ter tentado emigrar para o lado Ocidental do país, onde se encontra o namorado.

O novo apartamento, os novos vizinhos, o Verão e o campo não significam nada para Barbara. No trabalho é atenciosa mas distante, seguindo as indicações do responsável do Hospital, André. Mas o médico deixa-a confusa. Ele deposita confiança nas suas capacidades profissionais, é carinhoso e o seu sorriso revela um homem apaixonado. Mas será este médico apenas um espião contratado para seguir os seus passos e revelá-los às autoridades?

NOTA DO REALIZADOR

Nos filmes recentes, a Alemanha do Leste tem surgido frequentemente de forma bastante pálida. Sem cores, sem vento, apenas o cinzento das passagens fronteiriças e as caras cansadas, muito parecidas com as dos passageiros de olhos turvos na zona de descanso da estação ferroviária de Gera.

Não queríamos filmar um retrato de uma nação oprimida e depois justapô-la com o amor como sendo uma força pura, inocente e libertadora. Não queríamos nenhuns símbolos. Acaba-se sempre por descodificar tudo e o que sobra é aquilo que já sabíamos desde o início.

Vimos muitos filmes durante o processo de preparação. Um dos filmes que mais nos impressionou foi “Ter ou Não Ter”, de Howard Hawks. Bacall e Bogart, dois amantes de olho um no outro (de forma suspeita), que enganam e mentem, rodeados pela polícia secreta e constantemente forçados a falar nas entrelinhas. Por mais estranho que pareça, eles conseguem lidar com a situação e até se divertem a observar como o outro o faz: a elegância, a inteligência, as precisas escaramuças dos seus diálogos, como se estivessem aparentemente inflamados pelo mundo controlado e censurado que os cerca. Podemos ver claramente como as circunstâncias conseguem produzir novos tipos de pessoas que beijam, falam e olham de forma diferente.

Outro filme que nos impressionou foi “O Mercador das Quatro Estações”, de Fassbinder. A Alemanha do Leste dos anos 1950 está tão presente neste filme: na janela traseira dividida de uma VW Bully, no vazio ressoante de um quintal desprotegido, nos reduzidos limites de uma cozinha em Formica. Nunca é apenas um cenário, mas sim uma experiência espacial onde as pessoas amam, discutem e se tornam silenciosas. E esta atmosfera carregada de afecto, discussões e silêncio cola-se a tudo e permanece no ar e nas paredes. O passado nunca passa mas prolonga-se pelo presente.

Quisemos captar esse espaço específico entre pessoas, com tudo aquilo que as formou, tudo o que as tornou tão desconfiadas, tudo aquilo em que acreditam, que rejeitam e aceitam.

Durante os ensaios, uma das actrizes, que também tentou deixar a Alemanha de Leste no final dos anos 70, usando a desculpa de uma digressão de teatro na parte ocidental, contou como aceitou convites para jantar mesmo sabendo que não iria estar presente. Ela estaria longe, para sempre. É esta terrível solidão que perdura, porque nunca regressaremos e a vida que tínhamos desaparecerá... Como na famosa frase de Anna Segher: “Quando perdemos o passado, não teremos um futuro”. Ela ainda acredita nisso até aos dias de hoje.

(Christian Petzold)

CRÍTICA

Entrada maior na competição de Berlim, "Barbara" é a sexta-longa metragem para cinema de Christian Petzold. O seu primeiro filme de época. Quem é Christian Petzold, em três linhas? Um dos primeiros cineastas que, no final dos anos 90, despertou o cinema alemão da letargia artística da década anterior. O autor de "The State I Am In", "Wolfsburg" e "Yella" - este último estreado em Portugal. Um analista metódico da Alemanha contemporânea e capitalista, ainda a debater-se com as causas e consequências da liberdade pós-reunificação.

A atriz predilecta de Petzold, surgida com a novidade desta escola berlinense tem um nome: Nina Hoss.



Desterro

Nina é Barbara, uma médica pediatra da antiga RDA (República Democrática da Alemanha) que, sabe-se depois, foi punida por ter ousado pedir um visa para o

estrangeiro. A Stasi resolveu o desprate à sua maneira: demitiu-a em Berlim Leste e desterrou-a para a província.

Estamos em 1980. Porém, ao contrário da tendência mais recente e comercial do cinema alemão, o que vemos não é uma RDA cinzenta, sisuda, atrasada, pré-formatada a priori pelo cinema para figurar tempos terríveis de ditadura.



Barbara tem uma paixão do 'outro lado do muro' que tem um Mercedes-Benz topo de gama e quer ajudá-la a dar o salto. A Stasi mantém a médica debaixo de olho e para além do limite do suportável.

Porém, Barbara conhece Andre (Ronald Zehrfeld), também ele pediatra, também ele perseguido por traumas do passado, pois causou a morte por negligência a duas crianças. Andre não pensa em fugir. Admitirá Barbara ficar na RDA? Descobrirá ela o amor com aquele homem?

Como sempre em Christian Petzold, a escolha emocional é uma escolha política - e, neste quadro, nunca o cineasta tinha ido tão longe.



Reconciliação

Dirão os fãs do cinema de Christian Petzold: a Alemanha é hoje um país de vanguarda económica que tarda a reencontrar uma identidade e tende para a alienação. O passado recente do país é brutal - um muro da vergonha, uma utopia perdida -, não está sanado, e sem essa cura não há futuro. Mas há que ter cuidado: é que "Barbara" nem por um segundo faz uma apologia da RDA comunista.

Por isso está lá Stella, aquela miúda bicho do mato, entre a infância e a adolescência, que recorda "L'Enfant Sauvage" de Truffaut. Stella é paciente habitual do hospital. Sabemos depois que a miúda vive encarcerada num campo de trabalho infantil e que já são muitas as suas tentativas de fuga - esta é a face mais negra do regime.

Não, o objectivo de "Barbara" é outro: voltar à RDA e admitir encontrar um grau de humanização entre as pessoas que se perdeu. Talvez "Barbara" se limite, no seu programa político, a perguntar apenas isto: se a Alemanha unida de hoje é afinal o que é, não foi em vão que aquele muro tombou?

Na RDA filmada por Christian Petzold, os agentes da Stasi também choram pelos filhos. O sol também brilha. O vento também faz mexer as folhas das árvores. Temos um país à nossa frente: um país desgastado, oprimido, mas um país, apesar de tudo.

(Francisco Ferreira – Expresso)



FICHA ARTÍSTICA

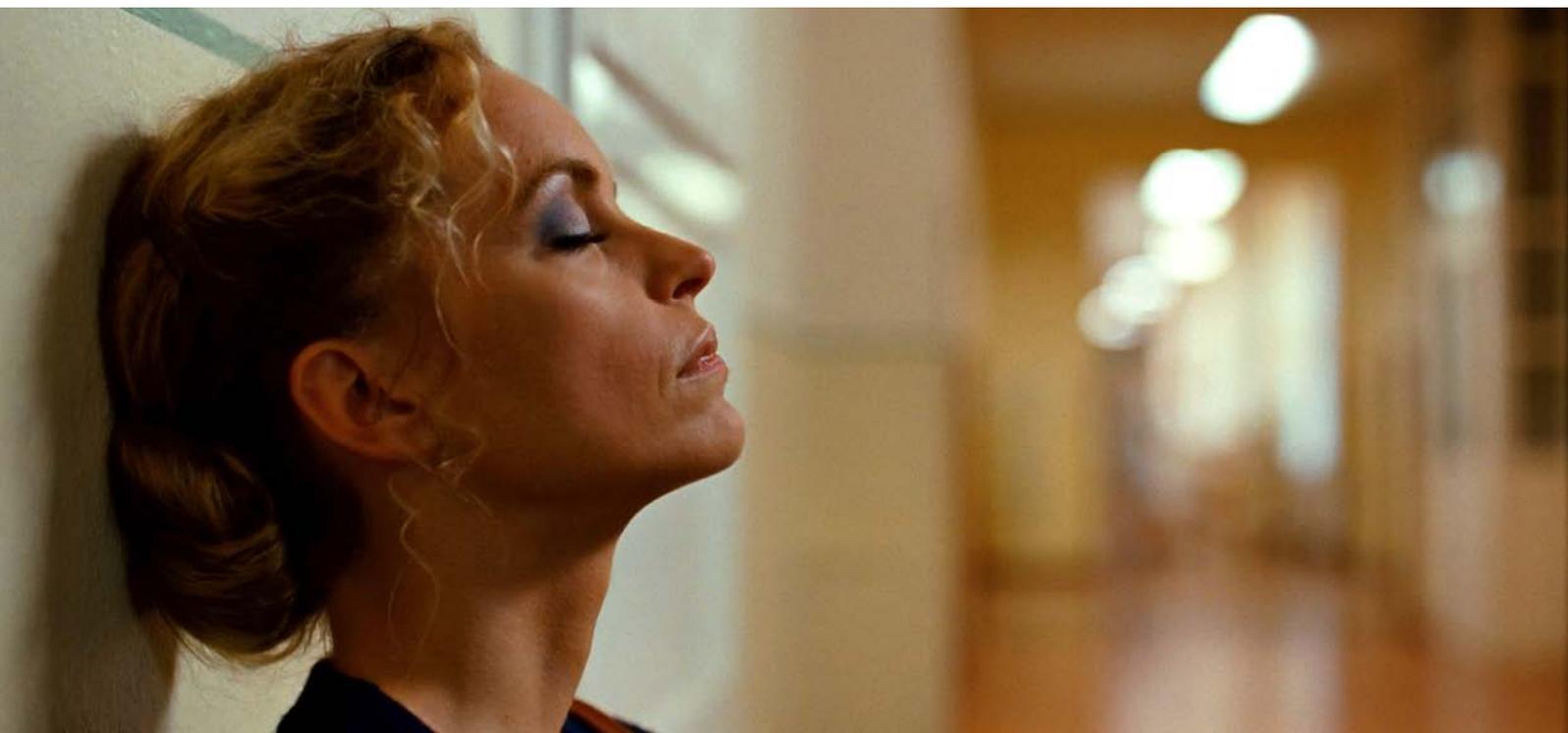
Nina Hoss – Barbara

Ronald Zehrfeld – Andre Ronald

Jasna Fritzi Bauer - Stella

Mark Waschke - Jörg

Rainer Bock - Schütz



FICHA TÉCNICA

Realização e Argumento – Christian Petzold

Fotografia - Hans Fromm BVK

Montagem – Bettina Böhler

Guarda-roupa – Anette Guther

Maquilhagem – Barbara Kreuzer / Alexandra Lebedynski

Som – Andreas Mücke-Niesytka

Mistura de Som – Martin Steyer

Música – Stefan Will

Consultor de Argumento – Harun Farocki

Produtores – Florian Koerner von Gustorf / Michael Weber

| Alemanha | 2012 | 105 min |